

O MOVIMENTO JANE'S WALK COMO APOIO AO PLANEAMENTO URBANO – UMA EXPERIÊNCIA EM GOIÂNIA/GO, BRASIL

A. C. C. Farias, A. P. V. C. Gonçalves e L. M. S. de Andrade

RESUMO

As críticas levantadas por Jane Jacobs em seu célebre livro *Morte e Vida de Grandes Cidades*, publicado em Nova Iorque em 1961, sobre o suposto fracasso do planeamento urbano e da reurbanização praticados àquela época, inspiraram a criação do instituto Jane's Walk em Toronto, em 2007. O instituto tem promovido desde então passeios comunitários liderados voluntariamente por pessoas dispostas a revelar e a discutir as suas cidades. Esses passeios já aconteceram no mundo inteiro. Em dezembro de 2013 a Sobreurbana, estúdio criado para o desenvolvimento de intervenções urbanas e gestão cultural, promoveu o primeiro Jane's Walk na cidade de Goiânia, Brasil, para discussão sobre a qualidade do ambiente urbano na Av. Cora Coralina, seu logradouro sede. Este artigo vai demonstrar o método desenvolvido pela Sobreurbana na realização do Jane's Walk em Goiânia, como suporte para o envolvimento comunitário nas causas urbanas, fortalecendo o engajamento cívico local e apoiando o planeamento urbano.

1.INTRODUÇÃO

O fracasso da proposta social da utopia das cidades planeadas suscitou várias críticas a partir da década de 1960. Autores como Jane Jacobs, fundamentados na ciência da auto-organização, na visão da cidade como sistemas complexos e na atenta observação do seu quotidiano, identificaram as paisagens planeadas como monótonas e sem um comprometimento com a diversidade estética e de usos, tão necessários para a vida urbana. Defendiam que essa situação vinha enfraquecendo o sentido de pertença e o espírito de comunidade nessas localidades.

Essas críticas pautaram uma série de intervenções urbanas ao longo da segunda metade do século XX até aos dias de hoje, influenciando correntes como o *novo urbanismo*, o *crescimento inteligente* nos EUA e a concepção, na Europa, de que as cidades devem servir às pessoas, como no trabalho de Jan Gehl. Em 2007 foi criada em Toronto uma organização não governamental chamada Jane's Walk, focada na disseminação das ideias de Jacobs.

Além de trabalhos científicos no âmbito da *caminhabilidade*, o instituto organiza e incentiva a realização de passeios comunitários, já ocorridos nos cinco continentes, procurando levar as pessoas a vivenciar as ruas e a debater sobre as suas cidades e a qualidade de vida que estas oferecem. No Brasil, já foram realizados Jane's Walks em São Paulo, Curitiba, Florianópolis e Goiânia.

A proposta aproxima as pessoas do ambiente urbano e provoca uma visão crítica sobre como o vivem, levando a uma conscientização da sua condição urbana e promovendo o

engajamento cívico. Assim, esses passeios são uma metodologia eficiente para a formação da massa crítica, que autores como Jan Gehl defendem ser necessária para garantir as mudanças substanciais nas cidades.

No Brasil, o Estatuto da Cidade, como é conhecida a Lei nº 10.257/01 que regulamenta o capítulo da Política Urbana da Constituição Federal, estabelece a democracia participativa como um instrumento para a garantia dos direitos fundamentais, reunidos no direito à cidade. Por sua vez, o Plano Diretor de Goiânia, regulamentado pela Lei Complementar 171/01, busca valorizar a participação social, a capacitação da população e a formação de uma comunidade cívica como fatores fundamentais na construção da cidade democrática.

Com o objetivo de revelar a cidade, mobilizar e contribuir para as necessárias discussões sobre ela, a *Sobreurbana*, estúdio criado para o desenvolvimento colaborativo de intervenções urbanas, sediado em Goiânia, realizou em dezembro de 2013 um Jane's Walk na Av. Cora Coralina, seu logradouro de endereço.

Esse artigo vai demonstrar o resultado do processo de elaboração do Jane's Walk desenvolvido pela Sobreurbana, que inclui a realização do passeio, a elaboração do questionário baseado nos autores que trabalham questões como a urbanidade, caminhabilidade e legibilidade, e o resultado final das respostas dos participantes.

Assim, espera-se que esse processo metodológico seja reaplicado em outras cidades brasileiras e em outros passeios em Goiânia para fortalecer as comunidades e contribuir para o desenvolvimento sustentável nos futuros planos diretores.

2. ASPECTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

2.1 A crítica às cidades planeadas do século XX e o método proposto por Jane Jacobs

Atentos aos problemas vividos pela cidade industrial, diversos estudiosos dedicaram-se a compreender como a forma da cidade poderia influenciar na qualidade de vida das pessoas. Foi com essa inquietação que surgiram as cidades planeadas no início do século XX.

Os desafios urbanos daquela época embasaram estudos por vezes revolucionários sobre como deveríamos reordenar ou, como muitos preferiram, construir novos ambientes urbanos, capazes de garantir as oportunidades intrínsecas à vida em sociedade. Diferentes visões de mundo foram postas em prática e testadas ao longo do século XX, em forma de cidades-modelo: a cidade-jardim de Ebenezer Howard, a cidade industrial de Tony Garnier e a cidade radiante de Le Corbusier são grandes exemplos.

As cidades destruídas durante as grandes guerras do início do século XX e os territórios do chamado *novo mundo* foram campos férteis para a aplicação desses modelos. No Brasil, várias cidades foram inteiramente construídas nesse período, tendo como seu exemplo mais emblemático a construção da capital federal Brasília na década de 1950, materialização fiel da doutrina contida na Carta de Atenas, postulada pelos CIAMs - Congresso Internacional da Arquitetura Moderna. Outro importante exemplo da aplicação do planejamento urbano no Brasil foi a construção da cidade de Goiânia ainda na década de 1930, como uma alavanca para a ocupação do centro do país e um apoio logístico para a futura construção de Brasília.



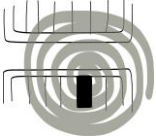

O avanço científico e a intensa produção urbanística nos dois últimos séculos trabalharam a suposta desordem da cidade industrial com a necessidade de proposição de ‘novas ordens’. Acreditava-se ser possível controlar a cidade através do projeto, da sua organização racional através do planeamento e do zoneamento (KOHLSDORF, 1985). O desprezo pelas realidades concretas construiu ambientes pouco ou nada propícios para a vida urbana, para que a cidade exercesse seu papel principal que é o de possibilitar a vida em comunidade.

Essa constatação motivou críticas advindas de fora do meio especializado do urbanismo. Novas formas de planear e desenhar cidades floresceram durante a segunda metade do século XX, em contraposição à racionalidade levada à exaustão pelos modernistas, assumindo a complexidade das cidades como necessária para a qualidade da vida urbana.

Nesse cenário a ciência do desenho urbano nasceu como uma tentativa de nova atitude de abordagem do espaço da cidade, a partir da interdisciplinaridade com contribuições metodológicas principalmente de antropólogos, ecólogos e psicólogos. Jane Jacobs, uma jornalista, foi a primeira a dar uma importante contribuição ao desenho urbano na década de 1960 com a publicação do livro *Morte e Vida de Grandes Cidades* a partir do estudo detalhado de alguns bairros de cidades americanas.

Utilizando abordagem ecológica para a concepção e gestão de cidades e entendendo o espaço urbano como o habitat humano, Jacobs argumentava que as cidades são problemas de complexidade organizada, semelhante aos organismos vivos, e que há lições de desenho urbano a partir do estudo desses sistemas. Sua abordagem humanista problematizava a cidade na escala local, considerando as dinâmicas da vida social, proporcionadas pelas estruturas urbanas. Nesse sentido, resgatou a importância da rua, negligenciada pelos urbanistas modernos e alertou para o papel das calçadas na fruição da vida pública.

Tabela 1 – Teoria Urbanística de Jane Jacobs

O COTIDIANO DA CIDADE	O uso das calçadas como garantia da proteção e segurança	
	Nítida separação entre o espaço público e o espaço privado	
	Edifícios voltados para a rua	
	Diversidade de usos durante dia e noite	
	Calçadas para integração de crianças com o bairro e sua vizinhança	
	Complexidade visual e de usos dos parques, praças e pátios públicos	
	Autogestão ao invés de autossuficiência	
A COMBINAÇÃO DE USOS PARA O DESEMPENHO ECONÓMICO DAS CIDADES	Usos principais combinados	
	Quadras curtas	
	Prédios antigos (economicamente acessíveis)	
	Densidade populacional e edilícia	
FORÇAS DE DECADÊNCIA E RECUPERAÇÃO	Neutralização das zonas de fronteiras	
	Recuperação de cortiços	
MANEJO DA COMPLEXIDADE ORDENADA	Subvenção de moradias	
	Redução dos automóveis	
	Ordem visual urbana	

A Tabela 1 apresenta acima um resumo dos princípios da teoria urbanística de Jacobs, como lançada em *Morte e Vida das grandes cidades*. Tais princípios demonstram a verdadeira apologia à vida urbana, especialmente no capítulo relativo ao cotidiano da cidade. O uso constante das calçadas e espaços públicos foi observado por Jacobs como a garantia da segurança e da vitalidade da cidade, na medida em que suporta as relações sociais diárias das pessoas que os usam.

Especificamente sobre os parques urbanos, Jacobs defendia que as pessoas precisavam de motivos para frequentá-los. A natureza como tratada pelo planejamento urbano, geralmente como grandes relvados em áreas residuais entre grandes edifícios, tinha um papel higienizador que pouco contribuía para o bom relacionamento entre homem e natureza. Sendo áreas amorfas e residuais, essas áreas verdes resultavam em áreas marginalizadas, muitas vezes evitadas pelas pessoas.

Para a sustentação econômica das cidades, Jacobs defendia a necessidade de diversidade de usos e edificação, através da combinação de usos, quadras curtas e densidade. A cidade radiante de Le Corbusier, por exemplo, também trabalhava a alta densidade populacional, mas através de ilhas – altas torres especializadas separadas umas das outras por metros (às vezes centenas deles) de distância. No entanto, para Jacobs essa densidade necessitava povoar todo o espaço urbano, todo ele deveria ser denso, de pessoas, atividades, artefatos.

A necessidade de redução dos automóveis foi outro aspecto trabalhado por Jacobs e outros autores contemporâneos a ela, como Appleyard e Whyte, preconizando o que hoje é tratado por *traffic calming*. Já na década de 1960 eles observaram que a crescente necessidade de infraestruturas para o modal viário provocava uma constante erosão nas cidades. Era preciso provocar uma pressão da cidade contra os automóveis.

Para isso, Jacobs sugeriu o investimento em usos e infraestruturas que competissem com os automóveis, tais como o aumento da largura das calçadas, a diminuição do tempo dos semáforos e das áreas de estacionamento e o investimento em transporte coletivo e táxis. Assim, sob a influência de Jacobs e da multidisciplinaridade trazida para o urbanismo, o prazer de flunar pela cidade, o relacionamento entre vizinhos e desconhecidos, a segurança emocional garantida pela movimentação da vida pública na cidade, retomaram sua centralidade nas discussões urbanas nas últimas décadas. E do ‘ser urbano’, espera-se o seu protagonismo na busca pela qualidade de vida nas cidades.

2.2 O Movimento Jane’s Walk

O movimento Jane’s Walk surgiu em Toronto, em 2007, criado por amigos e admiradores de Jane Jacobs, um ano depois de seu óbito. Seu objetivo é disseminar as ideias de Jacobs e sua influência na forma de entendermos as cidades.

Como proposta central, o Jane’s Walk promove passeios comunitários organizados voluntariamente, com o objetivo de levar as pessoas a explorarem e conhecerem melhor o bairro e a cidade onde vivem e, com isso, fortalecer comunidades e o sentimento de pertencimento, e encorajar o engajamento nas causas urbanas.

Esses passeios têm acontecido sob os mais diversos temas, desde a segurança dos subúrbios formados por soluções padronizadas para a habitação social à riqueza da gastronomia em bairros tradicionais de centros urbanos. Sempre com o mesmo efeito nos participantes, os

Jane's Walks contribuem para melhorar a relação das pessoas com a cidade, seja revelando-lhes riquezas do patrimônio urbano que antes passavam despercebidas, ou apresentando caminhos para melhorias necessárias para a coletividade.

Em Toronto os passeios foram adaptados para uso em sala de aula e como atividades extracurriculares em algumas escolas. O programa é voltado para o ensino médio e formado por quatro dias de atividades em sala de aula e um dia de passeio. Professores e alunos são reunidos em atividades que os levam a pensar e interagir de forma diferente com a vizinhança e o ambiente construído em que vivem. As atividades compreendem técnicas participativas para o mapeamento das localidades, a introdução de conceitos sobre planejamento urbano, história local e vida em comunidade.

O principal tema que permeia os passeios propostos pelo Jane's Walk é a caminhabilidade. Com essa motivação, o instituto realizou em 2011 em parceria com a Universidade de Toronto uma pesquisa sobre as condições de caminhabilidade pelos bairros residenciais nos subúrbios daquela cidade, formados por arranha-céus. A pesquisa durou três anos e foi feita de forma participativa com os moradores. Os resultados desse e de outros estudos têm sido utilizados pela administração municipal de Toronto na elaboração de planos para a revitalização da cidade, focada nos aspectos do trânsito e da caminhabilidade.

2.3 O método Jane's Walk

Como principal atividade do instituto, anualmente é realizado o festival internacional no início do mês de maio, quando seria aniversário de Jane Jacobs. Neste programa o Jane's Walk incentiva a realização crescente de diversos passeios na mesma cidade, para conseguir uma repercussão tal que atinja vários bairros, ampliando os espaços de discussão sobre os temas urbanos. Os dados da Tabela 2 demonstram a boa capilaridade do programa.

Tabela 2 – Resultados do Jane's Walk Festival 2013
Fonte: JANE'S WALK OFFICE, 2013.

843 passeios em todo o mundo	37% mais passeios que em 2012
109 cidades participantes	21 países atingidos
64% dos passeios não tiveram nenhum tipo de suporte financeiro	48% dos passeios foram viabilizados por iniciativas individuais
91% dos organizadores demonstraram desejo de produzir novos passeios em 2014	

Esse balanço do Festival 2013 reforça o crescente interesse pelo programa e a força do voluntariado na produção dos passeios, na medida em que metade deles foi viabilizada por iniciativas desvinculadas de instituições e mais da metade sem suporte financeiro.

Tabela 3 – Método sugerido

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO	PRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO	REALIZAÇÃO
Construir um envolvimento comunitário	Calendário de ações	Duração: 1.5h
Identificar temas para discussão. (Sugestões: Potencial urbano, caminhabilidade, mobilidade, segurança e conforto das calçadas, uso do solo e diversidade edilícia)	Ambiente virtual	Uso de megafone, vídeo e registro fotográfico
	Press release para mídias locais	
	Templates de peças de divulgação	
Definição em mapa do percurso	Check-list de tarefas	Em torno de 6 pontos de parada

O Jane's Walk fornece apoio de produção e sugere um formato, conforme demonstrado acima na Tabela 3, além de dar publicidade a todos os passeios em seu site oficial. Na cidade de Toronto, o instituto organiza ainda treinamento presencial para voluntários que desejam liderar passeios em suas comunidades. No treinamento são realizados workshops onde são discutidos temas como o engajamento comunitário, a formação cívica e o desenho urbano.

2.4 O Jane's Walk no contexto da Sobreurbana em Goiânia

A Sobreurbana nasceu oficialmente em Dezembro de 2013 com a proposta de ser um *cluster* criativo em Goiânia para o desenvolvimento colaborativo de intervenções urbanas.

Em Goiânia, os espaços públicos estão relegados quase que exclusivamente à responsabilidade do poder público, com pouca participação da iniciativa privada, de organizações não governamentais ou da própria população. Há pouca experiência em gestão participativa da cidade e a população possui baixa expectativa de retorno dos impostos em serviços urbanos.

Por outro lado, a pouca idade da cidade e sua construção a partir de terra arrasada e do urbanismo de modelos, configuram um campo fértil para experimentações urbanas. Soma-se a esse cenário, além da pujança econômica vivida atualmente no centro do país, o fato de que a população goianiense é uma população jovem, advinda de diversas partes do país, que acaba formando na cidade uma grande mistura cultural e capacidade criativa. Nos últimos anos, vários coletivos de jovens artistas e empreendedores encontraram na cidade um cenário de inspiração, oportunidades para experimentações e um público ávido por novidades e disposto a contribuir para o bem da cidade.

Neste cenário, a Sobreurbana, cuja base é formada por profissionais da arquitetura e da comunicação, pretende aproveitar a disposição atual de seus moradores em discutir e redescobrir a cidade propondo ações para exercício da cidadania, fortalecendo assim a massa crítica necessária para a manutenção da qualidade de vida em Goiânia.

Assim, desde a sua formação a Sobreurbana vem trabalhando sobre questões urbanas urgentes na cidade. Atualmente o estúdio atua em duas frentes principais: as condições de uso das vias públicas da cidade e a preservação do patrimônio cultural construído. Ambas têm em comum a questão da apropriação da cidade e o despertar da responsabilidade cívica individual e coletiva na construção do ambiente urbano.

Na sua inauguração oficial em dezembro de 2013, a Sobreurbana realizou em seu logradouro de endereço o primeiro Jane's Walk Goiânia, na Av. Cora Coralina, cuja metodologia e resultados estão detalhados a seguir. O objetivo da Sobreurbana ao promover o passeio inspirado nas teorias de Jacobs foi de contribuir para criar na população goianiense o hábito de observar e discutir a cidade, a partir da vivência cotidiana de seus espaços urbanos, do conhecimento de suas condições físicas e sociais.

A escolha da Av. Cora Coralina fundamenta-se primeiramente na crença de que qualquer transformação deve começar de dentro para fora e, portanto, para transformar a sua cidade, deve-se começar por transformar a sua casa, a sua rua, o seu bairro e daí por diante. Somam-se a isto, as características peculiares daquele espaço urbano, resultante de uma intervenção controversa realizada sobre um bairro que tem sua malha intrincada de áreas verdes e ruas sem saída. Atualmente suas vielas e espaços ociosos são temas de muitas discussões na

cidade, onde a população demonstra uma curiosidade tardia em reconhecer o legado urbano e cultural desse bairro-jardim.

3. O caso da Av. Cora Coralina na cidade de Goiânia

O projeto inicial da cidade de Goiânia foi de Atilio Correa Lima, que após estudar em Sorbonne no ano de 1930 pôde aplicar no sertão brasileiro os ensinamentos trazidos do urbanismo francês, marcadamente o traçado em *pate d'oie* e a cidade industrial de Tony Garnier. Porém, devido a desentendimentos com o estado, Atílio não pode terminar seu projeto, que acabou sendo finalizado pelos engenheiros e irmãos Coimbra Bueno. Estes trouxeram ainda o engenheiro Armando Augusto de Godoy para redesenhar o Setor Sul, cujo resultado foi uma proposta inspirada pelo urbanismo inglês, especificamente a cidade-jardim. A Figura 1, com o desenho final do Plano de Urbanização de Goiânia, demonstra claramente a diferença do traçado urbano proposto entre os Setores Centro (mantida a proposta de Atílio) e Sul (modificado por Godoy), denunciando o espírito experimental do planejamento urbano aplicado sobre terra arrasada no território brasileiro.

Não demorou muito para que o planejamento urbano demonstrasse seu fracasso na nova cidade e o Setor Sul é o seu melhor exemplo: uma utopia social que seus idealizadores esqueceram-se de pactuar com os futuros moradores. Os habitantes do bairro-jardim vieram da provinciana Vila Boa de Goiás, onde a rua tinha um papel fundamental na vida urbana. Naturalmente, assim construíram suas casas no Setor Sul: de frente para as ruas de serviço em formato cul-de-sac e de costas para as áreas verdes, espaços públicos que se tornaram residuais desde sua implantação. A ocupação do bairro aconteceu aos poucos, conforme a necessidade de cada morador: para construir sua casa, o proprietário solicitava na prefeitura a abertura daquela rua. Assim o traçado orgânico ficou prejudicado e as áreas verdes não receberam nenhum tratamento para atrair usos e pessoas.

Com o passar dos anos, essas áreas que no plano da cidade deveriam ser o espaço vital do bairro, acabaram transformando-se em guetos abandonados, selvagens, sujos e habitat dos marginalizados. O uso exclusivamente residencial não corresponde a ideia original das cidades-jardins de Howard que previa a indústria e produção de alimentos próximos aos bairros. O *zoning* aplicado ao bairro dificultou a ocupação dessas áreas e exacerbou sua imagem de abandono.

Na década de 1970 o governo federal iniciou a implantação no Setor Sul do Projeto Cura - Comunidade Urbana para Recuperação Acelerada, numa tentativa de recuperar o 'uso correto' dos bolsões verdes do bairro. O projeto previa a instalação de diversos equipamentos de lazer e esporte para o convívio comunitário, que nunca chegaram a ser finalizados e já na década seguinte estavam abandonados, situação que permanece até hoje.

Depoimentos¹ de moradores colhidos ainda na década de 1980 acerca do insucesso do Projeto CURA, revelaram que as crianças filhas da classe média que habitavam o bairro 'não precisavam' de playgrounds à porta de casa, pois tinham esses equipamentos nas escolas e nos clubes que frequentavam aos finais de semana. Para muitos moradores locais, os equipamentos trazidos pelo Projeto CURA atraíam pessoas de bairros desprivilegiados do entorno, indesejados pela vizinhança do Setor Sul. A intolerância da população e o

¹ Projeto CURA – Em busca do lazer perdido. Jornal Diário da Manhã, seção Revista, 14/05/1981, Goiânia.

autoritarismo do planejamento urbano condenaram as áreas verdes do bairro jardim a novas décadas de abandono e desperdício desses valiosos espaços públicos.



À esquerda, Fig. 1 – Plano Inicial de Goiânia. Fonte – RIBEIRO, 2004, p. 69.

À direita, Fig. 2 - Estacionamentos privados (azul) ao redor da Av. Cora Coralina (vermelho). Fonte – Imagem manipulada pela autora.

No ano de 2000, sob muitos protestos de moradores e de especialistas da cidade, a prefeitura iniciou a construção da Av. Cora Coralina no Setor Sul, abrindo-a entre *cul-de-sacs* e áreas verdes antes exclusivas para os pedestres, com a intenção de desafogar o trânsito da Av. 85, importante eixo viário e de circulação do transporte coletivo da cidade. A nova avenida formaria um eixo binário com a Av. 85 e solucionaria problemas antigos de drenagem, devidos especialmente, ao fato de um dos cursos d'água mais importantes da região ter sido completamente canalizado, desde o início de sua ocupação.

Os protestos tinham motivos variados: a desvirtuação do bairro jardim e sua tranquilidade suburbana (apesar de localizado junto ao centro da cidade); a sucumbência dos espaços urbanos públicos ao império dos automóveis; a redução das áreas verdes e a derrota do interesse público para o interesse privado, considerando que a maior beneficiada com a abertura da Av. Cora Coralina foi uma universidade que havia anos que os moradores tentavam tirar do bairro.

Ainda assim a administração municipal conseguiu levar seu projeto adiante e em pouco tempo a avenida estava concluída, sem conseguir resolver os problemas de drenagem e com graves problemas em seu traçado que dificultam a circulação inclusive dos automóveis. Como previsto pelos especialistas, a construção da nova pista não só não desafogou a Av. 85 como congestionou aquela parte do Setor Sul com mais carros, estacionamentos e poluição. Com três anos de funcionamento, a Av. Cora Coralina sofreu suas primeiras alterações viárias: inversão do sentido de fluxo, desfazendo o falido eixo binário com a Av. 85 e a redução de uma pista de rolamento, quando as calçadas conseguiram um pequeno aumento e passaram a ter pouco mais de um metro de largura.

O trânsito de automóveis na Av Cora Coralina possibilitou a diversificação do uso do solo, o que é positivo do ponto de vista da vitalidade urbana. No entanto, trouxe também a afirmação do império dos automóveis, com grande parte de áreas verdes e imóveis antes residenciais, dando lugar a instalação de estacionamentos privados, como demonstrado na Figura 2, piorando a qualidade ambiental das calçadas. Dessa forma, a abertura da avenida

demonstrou a real necessidade de a cidade reorganizar suas prioridades e decidir a quem ela deveria servir: carros ou pessoas?

4. O MÉTODO REALIZADO NO JANE'S WALK GOIÂNIA

A experiência de caminhar pela cidade é a forma mais genuína de fazer a própria cidade. É na relação entre corpo e espaço que a urbanidade é mediada, que o espaço urbano construído pode ser percebido como o resultado mas também como condicionante das relações sociais a que foi suposto abrigar.



Fig. 3 – À esquerda, o percurso do passeio realizado em 2013 (em linha vermelha a Av. Cora Coralina e os pontos de parada em azul). À direita, foto do passeio (Crédito: Júlia Mariano).

A realização do Jane's Walk Goiânia na Av. Cora Coralina teve como objetivo incentivar o hábito de se observar a cidade e de vivê-la a pé, reposicionando o pedestre em seu papel de legitimar o espaço urbano, através da sua apropriação. Também serviu como objeto de pesquisa sobre as características do desenho urbano local, quanto à sua urbanidade e legibilidade, cujos dados estão sendo utilizados pela Sobreurbana para a proposição de intervenções na região.

Para tanto, foi definido como percurso para o passeio toda a extensão da avenida, com seis paradas, como demonstrado na Figura 3. Em cada parada foi abordado um assunto específico, possível de ser observado no local, cuja discussão era aberta aos participantes e apoiada por um megafone, além do registro em fotografias e vídeos. Os temas discutidos foram: mobilidade, identidade urbana, escala do pedestre, apropriação de espaços públicos, acessibilidade e engajamento cívico. Os temas foram escolhidos considerando os objetivos do Jane's Walk, os princípios defendidos por Jacobs, a atuação da Sobreurbana e, principalmente, as características da área que recebeu o passeio.

O ponto de concentração para o passeio foi a sede da Sobreurbana, a cem metros do início do percurso, onde os participantes receberam uma breve introdução sobre as intenções para o passeio e a pesquisa. Foram abordados brevemente alguns pontos da teoria urbanística de Jacobs, como a importância do uso das calçadas e a necessidade de diversidade urbana. Foi apresentado o projeto Jane's Walk e entregue um mapa orientativo do passeio com o questionário para ser entregue ao final.

O passeio todo durou cerca de 1h30, com um número constante de participantes que conseguiram uma boa interação com o espaço urbano observado e as pessoas presentes. Ao final, como suporte para a pesquisa sobre o desenho urbano local, foi elaborado um questionário, entregue aos participantes, cujo resultado se encontra abaixo na Tabela 4.

Tabela 4 – Resultado do questionário aplicado durante o Jane’s Walk Goiânia 2013

Ao circular pelo Setor Sul, você reconhece a Av. Cora Coralina quando está passando por ela?	Sempre
Quando você está na Av. Cora Coralina você consegue se orientar em relação aos seus pontos referenciais?	Às vezes
Qual ponto de referência você usaria para localizar a Av. Cora Coralina?	A universidade
Você acha que a Av. Cora Coralina é uma avenida típica do Setor Sul?	Não
Você usa a Av. Cora Coralina...	Como passagem
Com que frequência?	Às vezes
Você se sente acolhido na Av. Cora Coralina..... enquanto pedestre/ ciclista?... circulando de carro/ moto?... usufruindo das áreas verdes?	Nunca/ Nunca/ Nunca
Como você acha que a construção da Av. Cora Coralina interferiu na qualidade do Setor Sul?	Piorou
O Jane's walk interferiu na sua forma de se relacionar com a cidade?	Sim
Você participaria de outro Jane's Walk?	Sim

Dos dezassete participantes, dez responderam ao questionário. Suas respostas revelaram que, apesar de a avenida possuir boa identificabilidade e razoável orientabilidade, ela possui baixa capacidade de atração e de retenção de pessoas, por representar uma ruptura com a identidade urbana local mas principalmente por oferecer ambientes desconfortáveis. Como previsto na teoria de Jacobs, a baixa densidade e diversidade, a falta de atrativos e de olhos para a rua, desumanizam e desqualificam o ambiente urbano da avenida.

A experiência revelou ainda a preocupação dos participantes na deterioração do bairro causada pela avenida e foi bastante positiva no sentido de ter estimulado uma relação mais direta entre as pessoas e aquele ambiente urbano, provocando nelas um olhar mais crítico sobre a cidade. Ao final do passeio os participantes manifestaram ter tido uma experiência interessante de vivência e questionamento sobre a cidade, hábito necessário para a formação da massa crítica, elemento fundamental para garantir a sua qualidade.

4.1 Resultados e recomendações para novos Jane’s Walks

O primeiro Jane’s Walk Goiânia contou com a participação de 17 pessoas, com idades entre 15 e 60 anos, sendo 9 mulheres e 8 homens. O número de participantes foi satisfatório, considerando a média registrada mundialmente nos Jane’s Walks, que em 2012 foi de 17,4 pessoas por passeio. A satisfação das pessoas ao final do passeio revela que elas estão dispostas e interessadas em descobrir a sua cidade e se descobrirem nela.

Durante o passeio as pessoas demonstraram certo saudosismo em relação ao tempo em que a vida urbana tinha um ritmo mais lento, as transformações eram menos agressivas, as relações pessoais tinham mais espaço na vida das pessoas e o espaço urbano era visto como um suporte para essas relações.

É fundamental, para conseguir uma verdadeira interação entre pessoas e espaço, que não haja a simples imposição de verdades, mas que as pessoas sejam estimuladas a expressarem as mais variadas visões e opiniões. Tal multidisciplinaridade de conhecimento e espontaneidade na expressão dos sentimentos sobre os ambientes urbanos são dos maiores objetivos buscados pelo método Jane’s Walk.

No entanto, no passeio decorrido na Av. Cora Coralina, vinte por cento dos participantes eram arquitetos conhecedores do espaço visitado. Por um lado, tal conhecimento enriqueceu as discussões mas por outro limitou-as, na medida em que lançou um olhar muito técnico sobre os problemas observados. Para passeios futuros recomenda-se um cuidado maior tanto na condução das discussões quanto na formação de um público com maior heterogeneidade de conhecimentos e interesses.

Espera-se ainda que os dados coletados no questionário e a experiência vivida pelos participantes atinjam os meios oficiais do planejamento urbano da cidade. As discussões comunitárias como acontecem nesses passeios permite, enquanto ferramenta de planejamento, a participação popular por segmentos, tanto territorial quanto temática e populacional, conforme o público atingido por cada Jane's Walk.

Porém, outra fragilidade identificada na experiência na Av. Cora Coralina, foi a ausência de moradores locais no passeio. Embora tenha sido feita divulgação ao longo da avenida e a movimentação provocada pelo Jane's Walk tenha despertado a posterior curiosidade de alguns moradores, o questionário revelou que os participantes não possuíam uma relação de uso efetivo com a avenida. Considerando o objetivo principal de fortalecer a comunidade local, é fundamental o envolvimento dos moradores e principais usuários da área que recebe o passeio, o que deverá ser equacionado nos passeios futuros.

Ainda assim, o Jane's Walk na Av. Cora Coralina teve certa repercussão dentre o público da cidade mais interessado pela militância urbana. As redes sociais virtuais são importantes e muito eficazes nesse papel tanto de espalhar a ideia quanto de inflamar as discussões. Aproveitando especialmente essa ferramenta, para o Festival de 2015 a decisão sobre os trechos para os passeios será feita de forma colaborativa, buscando atingir exatamente as áreas da cidade sobre as quais as pessoas querem discutir e reconhecer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o Jane's Walk Festival 2014, a Sobreurbana realizou em maio deste ano três novos passeios, cada um com o apoio de outra organização. Isso foi extremamente positivo dentro do objetivo do Jane's Walk de expandir a rede de colaboradores e dentro do objetivo da Sobreurbana de contribuir para o fortalecimento da massa crítica em Goiânia.

O primeiro passeio do festival, com o apoio de um coletivo de designers chamado *Design da Cidade*, realizou uma verdadeira Caça ao Córrego Buriti. O passeio percorreu o que seria o curso original do córrego, completamente canalizado desde as primeiras décadas de construção da cidade. O Córrego Buriti é exatamente o curso d'água cuja canalização traz problemas de drenagem para a região da Av. Cora Coralina.

O segundo passeio visitou o entorno do Jardim Botânico, maior parque urbano de Goiânia. A região é hoje alvo de uma Operação Urbana Consorciada, cujo projeto foi proposto à Prefeitura por empresas do mercado imobiliário de Goiás. Com o apoio de um grupo de arquitetos chamado *murAU de Ideias*, a discussão teve como base o adensamento, a verticalização, a função social da cidade e a preservação ambiental.

O último passeio do Festival 2014, contou com o apoio de uma produtora de artes, a *Hábil Produção*, e explorou novamente o Setor Sul. Estreando o seu projeto *MUdA* sobre

mapeamento de arte urbana, a Hábil conduziu o passeio percorrendo as áreas verdes do Setor Sul onde estão grafados exemplares de *graffiti* de altíssima qualidade.

Cabe ressaltar que esses três passeios tiveram repercussão na cidade ainda maior que o primeiro realizado na Av. Cora Coralina, tendo conseguido uma média de público de 20 pessoas e tido destaque no principal jornal da cidade. Como consequência, formou-se um grupo para a constituição da Associação dos Moradores e Amigos do Setor Sul – *Amassul* e a Sobreurbana trabalha agora na formatação de uma Temporada Jane’s Walk em Goiânia, com a realização mensal de novos passeios cujos temas serão sugeridos pela população.

Em um filme documentário intitulado *Neighborhoods in Action*², Jacobs resalta que as cidades são feitas de redes sociais e que não se faz comunidades sem relacionamentos interpessoais. Assim, utilizando a proposta do Jane’s Walk, a Sobreurbana espera contribuir na promoção e enriquecimento das discussões bem como nas vivências de apropriação da cidade de Goiânia.

REFERÊNCIAS

Brasil (2001). Estatuto da Cidade: Lei nº 10.257, de 10 de julho de 2001, que estabelece diretrizes gerais da política urbana. **Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações**. Brasília. ISBN 85-7365-168-7.

Choay, F. (2002). **O Urbanismo**. Ed. Perspectiva, 5ª ed., São Paulo.

Farrow, J. e Hess, P. M. (2011). **Walkability in Toronto’s high-rise neighborhoods**. Social Science and Humanities Research Council of Canada & the Toronto Community Foundation. Toronto. Disponível em <http://goo.gl/BDjYtN>, acesso: 09/01/14.

Goiânia (2010). Lei Complementar nº 171, de 29 de maio de 2007. Dispõe sobre o Plano Diretor da cidade de Goiânia. **Coletânea – Legislação e regulamentos do Plano Diretor**, 4 – 85. Goiânia.

Jacobs, J. (2009). **Morte e Vida de Grandes Cidades**. Editora Martins Fontes, 2ª ed., São Paulo.

Jane’s Walk Office (2012, 2013). **Jane’s Walk Event Report**. Toronto.

Kohlsdorf, M. E. (1985). Breve histórico do espaço urbano como campo disciplinar. Capítulo publicado no livro: **O espaço da cidade: contribuição à análise urbana**. São Paulo, 15-72. Disponível em <http://goo.gl/S4uVtL>, acesso: 09/01/14.

Ribeiro, M. E. J. (2004). **Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes**. Goiânia: Ed. Da UCG.

² Produzido pela Active Living Network, um projeto de The Robert Wood Johnson Foundation. Disponível em: <http://goo.gl/kpQTM>, acessado em 27/04/14.